




SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DOS CONCEITOS DE TÉCNICA E TÁTICA POR TREINADORES DE HANDEBOL E HANDEBOL DE PRAIA

Similarities and differences in the concepts of technique and tactics by handball and beach handball coaches

Similitudes y diferencias en los conceptos de técnica y táctica de los entrenadores de balonmano y balonmano playa

João Paulo Torres Di Gilio ¹ , Maria Luisa Dias Estriga ² , Rafael Pombo Menezes ¹ ,


¹ Universidade de São Paulo, Brasil; ² Universidad do Porto, Portugal,

* Correspondencia: rafaelpombo@usp.br

Recibido: 02/12/2020; Aceptado: 17/03/2021; Publicado: 15/07/2021

OPEN ACCESS

Sección / Section:
Balonmano / Handball

 Editor de Sección / Edited by:
Sebastián Feu, Universidad de
Extremadura, España

Citación / Citation:
Di Gilio, J. P., Estriga, M. L. &
Menezes, R. (2021). Semelhanças e
diferenças dos conceitos de
técnica e táctica por treinadores de
handebol e handebol de praia. *E-
balonmano. Com*, 17(2), 93-102.

Fuentes de Financiación / Funding:
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado de São Paulo (processos
2013/05854-8 e 2016/06508-4)

Agradecimientos/
Acknowledgments:

Conflicto de intereses / Conflicts of
Interest: NO

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar a concepção dos termos “técnica” e “tática” por treinadores de handebol e de handebol de praia. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 29 treinadores (17 de equipes escolares, sete de ligas regionais de handebol e cinco de handebol de praia), cujos discursos foram analisados com base no método da análise temática. Três temas e seis subtemas foram identificados, e revelaram confusões conceituais entre os termos “técnica” e “tática” nos discursos dos treinadores. Somente os treinadores de equipes escolares de handebol abordaram a temática da eficácia ao definir técnica, enquanto os demais grupos (treinadores de handebol de praia e das ligas de handebol) enfatizaram apenas a sua eficiência. Esses resultados revelam uma possível negligência do potencial adaptativo e eficaz da técnica. Os treinadores corroboraram o referencial teórico ao definir o termo “tática”, porém atribuíram outros significados também provenientes de confusões conceituais, como tratar aspectos estratégicos e táticos como sinônimos. Esses equívocos conceituais podem trazer implicações metodológicas para o processo de treino e jogo pelo fato desses termos apresentarem-se como matriz das principais abordagens de ensino.

Palavras-chave: Pedagogia do esporte; Treinadores esportivos; Esporte coletivo.

Abstract

The aim of this study was to investigate the conception of the term's "skill" and "tactic" by handball and beach handball coaches. Semi-structured interviews were conducted with 29 coaches (17 from school teams, seven from regional handball leagues; and five from beach handball), and the analysis was based on the thematic analysis. Three themes and six sub-themes were identified, and revealed conceptual confusions between the terms "skill" and "tactic" in the coaches' speeches. Only the coaches of school handball teams highlighted the topic of effectiveness when defining technique, while the other groups of coaches (beach handball and handball leagues) emphasized only the dimension of efficiency. These results reveal a neglect of the adaptive and effective potential of skill. The coaches corroborated the theoretical framework when defining the term "tactic", but attributed other meanings that are not adequate, such as treating strategic and tactical aspects as synonyms. These conceptual misunderstandings can lead to methodological implications due to the terms treated being presented as a matrix of the main teaching approaches.

Keywords: Sport pedagogy; Sports coaches; Team sports.

Resumen

El objetivo fue investigar la concepción de los términos “técnica” y “táctica” por parte de los entrenadores de balonmano y balonmano playa. Se realizaron entrevistas semiestruturadas con 29 entrenadores (17 de equipos escolares, siete de ligas regionales de balonmano y cinco de balonmano playa), y el análisis se basó en el análisis temático. Se identificaron tres temas y seis subtemas. Se percibieron confusiones conceptuales entre los términos “técnica” y “táctica” en los discursos de los entrenadores. Solo los entrenadores de los equipos escolares de balonmano destacaron el tema de la efectividad al definir la técnica, mientras que los otros dos grupos de entrenadores (ligas de balonmano y balonmano playa) enfatizaron solo la dimensión de la eficiencia. Estos resultados revelan una negligencia del potencial adaptativo y efectivo de la técnica. Los entrenadores corroboraron el marco teórico al definir el término “táctica”, pero atribuyeron otros significados que no son adecuados, como tratar los aspectos estratégicos y tácticos como sinónimos. Estas confusiones conceptuales pueden tener implicaciones metodológicas debido a que los términos tratados se presentan como matriz de los principales enfoques de enseñanza.

Palabras clave: Pedagogía del deporte; Entrenadores deportivos; Deportes de equipo.

Introducción

O handebol e o handebol de praia são esportes coletivos caracterizados pelo embate entre duas equipes em espaço comum, cujas relações de oposição e cooperação proporcionam um ambiente complexo e imprevisível (Grehaigine & Godbout, 1995; Menezes, 2012). Embora haja semelhanças entre o handebol e o handebol de praia, no segundo existem algumas regras específicas, como a atribuição de pontos diferentes para os gols “espetaculares”, a presença do jogador especialista (que substitui o goleiro da equipe na areia quando a equipe vai para a fase ofensiva) (Silva & Menezes, 2018) e as amplas zonas de substituição que podem implicar sobre os aspectos técnicos e táticos nos treinamentos.

A adaptação de regulamentos para a disputa do handebol nas etapas de formação no Estado de São Paulo (Leonardo & Scaglia, 2018; Menezes, Marques, & Nunomura, 2015) também podem influenciar as demandas táticas e técnicas dos jovens jogadores, especialmente pelos possíveis constrangimentos impostos em relação ao uso de sistemas defensivos, tempo de jogo e substituições obrigatórias. A concepção de técnica e tática deve ser coerente com o que realmente representam, com o que é preconizado na literatura (Garganta & Oliveira, 1996; Grehaigine, Godbout, & Bouthier, 1999; Mesquita, 2000; Mesquita, Marques, & Maia, 2001) e a estruturação dessas deve estar alinhada às regras específicas de cada esporte (Grehaigine & Godbout, 1995).

As abordagens de ensino tradicionalmente empregados no Brasil são oriundos dos princípios analítico-sintético, global-funcional e cognitivista (relacionado ao método situacional) e relacionam-se intrinsecamente com a técnica (analítico-sintético) e com a tática (global-funcional e situacional) (Greco, 2001; Menezes, Marques, & Nunomura, 2014). Especificamente em relação aos conceitos, a tática se refere às ações intencionais de tomada de decisão diante das situações-problema do jogo (Garganta & Oliveira, 1996; Grehaigine & Godbout, 1995; Grehaigine et al., 1999). Já a técnica compreende a execução dos movimentos esportivos (Aquino, Puggina, Alves, & Garganta, 2017; Mesquita, 2000; Mesquita et al., 2001), e associa-se às ações táticas considerando as adaptações que a imprevisibilidade do jogo requer (Aquino et al., 2017; Mesquita et al., 2001). O conhecimento sobre esses conceitos é imprescindível para o planejamento das sessões de treino nos esportes coletivos, bem como a inter-relação entre esses possibilita operacionalizar as regras de ação (Grehaigine & Godbout, 1995).

Alguns estudos se debruçaram sobre a importância dos conceitos de técnica e tática para a concepção das principais abordagens de ensino utilizadas no Brasil (Greco, 2001; Menezes et al., 2014) e subsidiam discussões sobre essa temática no contexto nacional. Há estudos que se dedicaram à discussão sobre os conceitos de tática (Garganta & Oliveira, 1996; Grehaigine & Godbout, 1995; Grehaigine et al., 1999) e de técnica (Aquino et al., 2017; Mesquita, 2000), porém não foram encontradas pesquisas que investigam a compreensão dos conceitos desses termos a partir dos conceitos dos treinadores. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi identificar e comparar a concepção de treinadores de handebol e handebol de praia do Estado de São Paulo sobre os termos “técnica” e “tática”.

Métodos

Desenho metodológico

O caminho metodológico deste estudo está ancorado na perspectiva qualitativa de pesquisa, devido à necessidade de entender como um determinado grupo compreende e atribui significados sobre dado assunto (Flick, 2009). Os aspectos fundamentais deste estudo de caráter qualitativo são as perspectivas dos participantes sobre a temática e as reflexões do pesquisador de acordo com os autores base da pesquisa (Flick, 2009), especialmente relacionadas à concepção e aos significados empregados por treinadores de handebol e handebol de praia em seus discursos sobre os termos “técnica” e “tática”.

Participantes e aspectos éticos da pesquisa

Por envolver treinadores esportivos o projeto de pesquisa foi submetido previamente para a apreciação por um Comitê de Ética em Pesquisa institucional, no qual foi aprovado. As entrevistas foram realizadas individualmente e no momento dessa o treinador recebeu e assinou uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando sobre o sigilo das informações pessoais e concordando com a participação no estudo.

Foram convidados treinadores do Estado de São Paulo, divididos em três grupos: treinadores de handebol de praia (BC), treinadores de handebol escolar de um município (SC) e treinadores de handebol das ligas regionais (LC) e foram selecionados pela sua importância para o desenvolvimento do handebol e do handebol de praia. Os critérios para a participação no estudo foram assim constituídos: a) ter participado de pelo menos uma etapa do circuito paulista de handebol de praia no ano da realização das entrevistas (grupo BC); b) ter participado da liga municipal de handebol com equipe de qualquer categoria (grupo SC); e c) ter participado da liga regional de handebol com equipe em pelo menos uma categoria (sub-12, sub-14, sub-16 e/ou sub-18).

É importante destacar que o Estado de São Paulo tem papel de destaque no handebol nacional pelos resultados expressivos alcançado pelas equipes que o representam (Menezes, Marques, & Morato, 2016). Embora seja menos difundido no Estado, o handebol de praia conta com cinco equipes com representatividade no cenário nacional que treinam regularmente (e que se classificaram entre as três melhores do país nos campeonatos masculino e feminino).

Participaram das entrevistas 29 treinadores e treinadoras de handebol e handebol de praia (Tabela 1), assim distribuídos: a) cinco treinadores de handebol de praia (todos que participaram das competições); b) sete treinadores de handebol de equipes escolares (de 14 treinadores que participaram da competição); e c) dezessete treinadores de handebol que disputam as duas maiores ligas regionais do Estado de São Paulo (de um total de 22 que participaram das disputas).

O grupo BC foi composto por todos os treinadores (uma mulher e quatro homens) do Estado que disputaram pelo menos uma etapa do circuito nacional, cujas equipes eram oriundas principalmente das cidades litorâneas (n=4). A média de idade dos treinadores foi de 39 anos (mín=26; máx=54), todos são graduados em Educação Física há média de 10.8 anos (mín=1; máx=29), com tempo médio de experiência profissional com o handebol de praia de 4.4 anos (mín=2; máx=9). Dos cinco treinadores entrevistados, três (BC3, BC4, BC5) concluíram curso de especialização (formação continuada) em áreas correlatas.

O grupo de treinadores de equipes escolares (SC) atua com equipes de diferentes idades e participam principalmente de competições municipais e regionais nas categorias sub-14 e sub-17. Os treinos ocorriam nas quadras de escolas públicas e privadas em horários que não coincidiam com as aulas regulares (contraturno escolar), constituindo-se como equipes de treinamento específico. Os treinadores (duas mulheres e cinco homens) possuíam média de idade de 47 anos (mín=32; máx=59), todos são graduados em Educação Física há uma média de 24.9 anos (mín=9; máx=38), com tempo médio de experiência no handebol de 12.7 anos (mín=4; máx=22). Em relação aos cursos de formação continuada, como especialização ou pós-graduação em áreas correlatas, cinco treinadores (SC1, SC2, SC3, SC6, SC7) já concluíram e um (SC4) estava matriculado (curso em andamento).

Já o grupo de treinadores das ligas regionais (LC) foi formado por aqueles que trabalhavam com equipes da categoria sub-12 a sub-18. Geralmente essas equipes são vinculadas às prefeituras municipais ou clubes privados, onde possuem as equipes de treinamento específico. A média de idade dos treinadores (seis mulheres e 11 homens) desse grupo foi de 39.6 anos (mín=26; máx=59), graduados em Educação Física em média há 15.5 anos (mín=4; máx=32), com tempo médio de experiência no handebol de 13.0 anos (mín=1; máx=23). Dos 17 treinadores desse grupo, 13 (LC1, LC4, LC5, LC7, LC8, LC9, LC10, LC11, LC12, LC13, LC14, LC16, LC17) concluíram curso de especialização ou de formação continuada em áreas correlatas e um (LC6) estava com curso dessa natureza em andamento.

Tabela 1. Caracterização dos três grupos de treinadores entrevistados (BC, SC, LC).

| | Treinador (M/F)* | Idade | Graduação em EF** (anos) | Formação continuada (S/N/A)*** | Tempo de atuação profissional (como treinador) |
|--|------------------|-------|--------------------------|--------------------------------|--|
| Treinadores de handebol de praia (grupo BC) | BC1 (F) | 54 | 29 | N | 5 |
| | BC2 (M) | 32 | 9 | N | 2 |
| | BC3 (M) | 26 | 4 | S | 3 |
| | BC4 (M) | 32 | 1 | S | 3 |
| | BC5 (M) | 51 | 11 | S | 9 |
| Treinadores de handebol escolar (grupo SC) | SC1 (F) | 48 | 28 | S | 9 |
| | SC2 (M) | 59 | 38 | S | 20 |
| | SC3 (M) | 52 | 28 | S | 5 |
| | SC4 (F) | 32 | 9 | A | 4 |
| | SC5 (M) | 51 | 29 | N | 14 |
| | SC6 (M) | 44 | 21 | S | 22 |
| | SC7 (M) | 43 | 21 | S | 15 |
| Treinadores de handebol das ligas regionais (grupo LC) | LC1 (F) | 41 | 20 | S | 19 |
| | LC2 (M) | 29 | 8 | N | 5 |
| | LC3 (M) | 45 | 11 | N | 18 |
| | LC4 (F) | 38 | 5 | S | 5 |
| | LC5 (F) | 54 | 32 | S | 23 |
| | LC6 (M) | 26 | 4 | A | 3 |
| | LC7 (F) | 31 | 10 | S | 9 |
| | LC8 (M) | 44 | 22 | S | 21 |
| | LC9 (F) | 40 | 27 | S | 20 |
| | LC10 (M) | 34 | 4 | S | 1 |
| | LC11 (M) | 53 | 28 | S | 18 |
| | LC12 (M) | 34 | 13 | S | 15 |
| | LC13 (F) | 26 | 6 | S | 5 |
| | LC14 (M) | 39 | 17 | S | 15 |
| | LC15 (M) | 45 | 14 | N | 21 |
| | LC16 (M) | 36 | 16 | S | 14 |
| | LC17 (M) | 59 | 27 | S | 9 |

*M=sexo masculino; F=sexo feminino. **EF = educação física. ***S=sim; N=não; A=em andamento.

Procedimentos para as entrevistas

O contato com os treinadores foi realizado via telefone, e-mail e/ou redes sociais para verificar a disponibilidade para participação e, em caso de aceite, para o agendamento da entrevista. Foram priorizadas as entrevistas *in loco* com horários e locais pré-agendados, o que foi possível com os grupos de treinadores de handebol de praia e de handebol escolar, e com seis treinadores das ligas de handebol. No entanto, devido à distância, aos altos custos para deslocamentos e à disponibilidade dos treinadores das ligas de handebol, algumas entrevistas foram realizadas de maneira remota via Skype ou via WhatsApp. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra em um arquivo de texto em versão online e devolvidas aos treinadores para validação dos conteúdos.

Optou-se pela entrevista semiestruturada por partir de questionamentos específicos, inerentes à temática do estudo, que proporciona autonomia ao entrevistador para intervir ao longo da entrevista e para recolher informações mais profundas que contribuam para o debate (Purdy, 2014). Assim sendo, o pesquisador pode inserir novos questionamentos na medida em que o entrevistado discorre sobre a temática (Purdy, 2014). Por se tratar de um projeto de pesquisa mais amplo, que objetiva compreender diferentes aspectos relacionados ao ensino desses esportes coletivos, a entrevista semiestruturada permitiu identificar os significados atribuídos pelos treinadores sobre essa temática.

O instrumento de entrevista foi dividido em dois blocos: a) informações pessoais; e b) concepções dos termos “técnica” e “tática”. O primeiro bloco teve como objetivo mapear os aspectos inerentes à formação acadêmica e ao tempo de atuação profissional dos treinadores; já o segundo bloco, especificamente neste estudo, teve como objetivo identificar as concepções dos treinadores sobre os termos “técnica” e “tática” e apresentou as seguintes questões norteadoras: “o que é técnica para você?” e “o que é tática para você?”. Ao longo das respostas os treinadores foram provocados a apresentar as diferenças conceituais sobre ambos os termos, bem como apontar exemplos relacionados ao contexto do jogo e de treino.

Análise das entrevistas

A análise das transcrições deu-se por meio do método da análise temática reflexiva (ATR) (Braun & Clarke, 2006, 2019; Braun, Clarke, & Rance, 2014). A ATR é um método de análise de dados qualitativos que permite identificar padrões relevantes aos objetivos e problemas da pesquisa por meio de um processo dividido em seis fases (Braun & Clarke, 2006; Braun et al., 2014). A escolha pela ATR ocorreu devido à sua relevância para análises de dados vinculados ao esporte (Braun & Clarke, 2019), à possibilidade de sumarização de uma grande quantidade de dados e pela flexibilidade e acessibilidade permitida (Braun & Clarke, 2006; Braun et al., 2014).

A produção dos temas respeitou o critério de recorrência adotado para os padrões destacados (Braun & Clarke, 2006) por mais de três treinadores de cada grupo. Aspectos específicos dos dados foram analisados a partir de um processo indutivo, latente e construcionista (Braun & Clarke, 2006; Braun et al., 2014) sustentado pelo referencial teórico apresentado na discussão. A ATR verificou três temas e seis subtemas que foram organizados e apresentados por meio de um mapa temático. Cada caixa temática do mapa preencheu-se em escala de cinza de acordo com o grupo de treinadores (treinadores de handebol de praia, treinadores de handebol escolar e treinadores de ligas de handebol) que abordou o tema em seus discursos.

Resultados e Discussão

O estudo teve como objetivo identificar as concepções sobre os termos “técnica” e “tática” por treinadores de handebol e de handebol de praia. A ATR revelou três temas: 1. Técnica como ato de executar os movimentos esportivos; 2. Tática como ações intencionais durante o jogo; e 3. Tática e estratégia como sinônimos. Cada tema apresentou dois subtemas, conforme mapa temático apresentado na Figura 1.

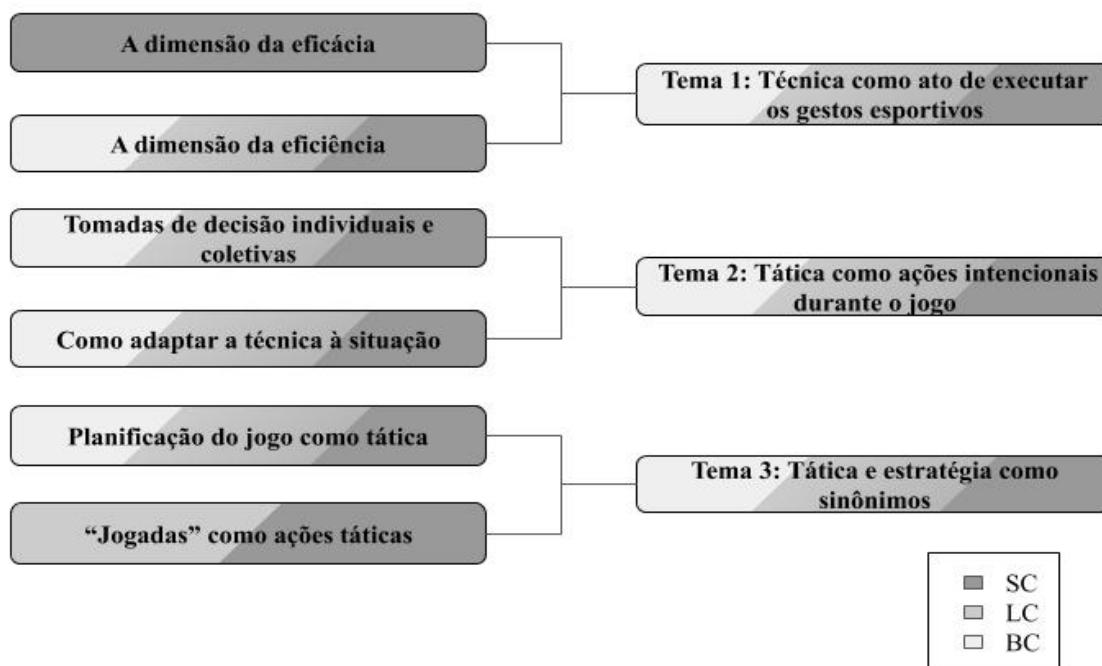


Figura 1. Mapa temático com temas e subtemas produzidos pela Análise Temática Reflexiva (SC: treinadores de handebol escolar; LC: treinadores de handebol das ligas; BC: treinadores de handebol de praia).

Tema 1: Técnica como ato de executar os movimentos esportivos

Dois subtemas foram relacionados à composição do Tema 1: a dimensão da eficácia (abordado apenas pelo grupo de treinadores escolar) e a dimensão da eficiência (abordado pelos três grupos de treinadores).

Os treinadores conceituam técnica a partir da execução das habilidades esportivas específicas (passes, finalizações, dribles...) de forma eficaz e eficiente (Figura 1), corroborando diversos autores (Aquino et al., 2017; Mesquita, 2000; Mesquita et al., 2001). A conceituação de técnica como o momento de execução do movimento é contemplada no discurso de treinadores dos três grupos:

Técnica para mim são as execuções individuais dos movimentos. Então ele tem uma boa técnica de arremesso, uma boa técnica de drible... (SC7).

A execução do fundamento para mim é a parte técnica. A parte técnica são os fundamentos, como você aplica os fundamentos, a parte individual do jogador. (LC3).

A técnica é a forma... o gesto que ele consegue executar especificamente para aquela modalidade e ter um desempenho melhor (BC4).

Os treinadores utilizaram termos como “movimento” e “habilidade” ao se referirem à técnica específica. No contexto esportivo entende-se que a concepção de técnica compreende a execução de habilidades motoras especializadas e utilizadas em contexto específico de jogo (Mesquita et al., 2001), orientadas pela lógica interna do jogo (Grehaigne & Godbout, 1995). Assim, não é adequado apoiar-se, apenas, na utilização dos termos “movimento” e “habilidade” para definir técnica, por serem demasiadamente amplos, não contemplarem a especificidade do contexto de aplicação e não remeterem especificamente à técnica esportiva.

Destaca-se a utilização da palavra “fundamento” (no Brasil entendida como um sinônimo da técnica específica) para conceituar técnica de forma exclusiva, o que reflete a compreensão do aspecto técnico como fundamental para o jogo em detrimento da tática. Há um esforço na literatura nacional para o emprego de “fundamentos táticos” (Greco, 1997), logo propõe-se as ações táticas como conteúdo fundamental do jogo também. Os treinadores de todos os grupos mencionaram os conceitos de eficiência técnica ao citar habilidades específicas referentes à automatização de movimentos pré-estabelecidos:

Na técnica a gente engloba mais o que é necessário para jogar handebol, então os fundamentos, a técnica de cada fundamento. A técnica do passe, a técnica do drible, a técnica do arremesso (LC13).

Que eu aprendi, que técnica é saber fazer os movimentos mais corretos possíveis (SC4).

A perspectiva apresentada por LC13 parte do pressuposto de que é necessário dominar todas as técnicas para jogar bem, o que a distancia do seu objetivo (eficácia) e da adaptação necessária à situação encontrada, reduzindo a técnica à mera reprodução de movimentos. Ao tratar técnica como o modo de realizar determinados habilidades esportivas especializados, como o passe e o arremesso, os treinadores apontam para um modo “correto” para executá-los e reforçam o caráter da sua eficiência.

A compreensão de que o desempenho esportivo necessita do domínio das técnicas reforça a concepção tradicional (método analítico-sintético) e descontextualizada do jogo, assim somente o aprendizado de todas as técnicas possibilita o jogo, ver crítica em Greco (2001). O método analítico-sintético para o ensino dos esportes coletivos concebe a técnica como uma reprodução de movimentos pré-estabelecidos, de forma isolada do contexto do jogo e orientada para a reprodução de movimentos pré-estabelecidos (Garganta, 1998; Mesquita, 2000). A automatização de técnicas pode limitar o desenvolvimento do jogador, a partir do aprendizado de técnicas inflexíveis e tomadas de decisão pobres (Bunker & Thorpe, 1986). Contudo, o jogador pode solucionar um problema tático utilizando movimentos não estereotipados, diferentes daqueles considerados tradicionais e estabelecidos historicamente (Mesquita et al., 2001).

Por outro lado, o grupo de treinadores escolares foi o único que comentou sobre a dimensão da eficácia técnica, como destaca SC1: “Um atleta técnico sabe fazer todos os fundamentos de uma maneira correta e eficaz”. O discurso apresentado revela a preocupação com as características distintas e únicas dos seus jogadores, que podem resolver o mesmo problema utilizando técnicas diferentes (e possíveis). Eficácia técnica está relacionada às execuções que atingem seu objetivo, independentemente da forma que foi realizada (Aquino et al., 2017; Mesquita, 2000; Mesquita et al., 2001). Tal posicionamento revela uma possível preferência por abordagens de ensino pautadas no conhecimento sobre o jogo, que priorizam o objetivo da ação e a tomada de decisão. O fato de só o grupo SC ter destacado a importância da eficácia pode estar relacionado ao desempenho esportivo ser só mais um dos diversos objetivos do esporte escolar.

O ensino da técnica deve privilegiar a sua aplicabilidade no contexto do jogo e recomenda-se a sua ênfase nos treinamentos voltada à resolução de problemas do jogo (Bunker & Thorpe, 1986; Garganta, 1998; Mesquita, 2000). Reforça-se, portanto, que nas fases iniciais do processo de formação esportiva a adaptação da habilidade técnica deva ser priorizada para alcançar o objetivo da atividade.

Os treinadores participantes não comentaram sobre a dimensão da adaptação da técnica. A adaptação técnica é a capacidade de ajustar o movimento esportivo especializado aos diferentes cenários encontrados (Aquino et al., 2017). Tal orientação reposiciona a técnica no sentido de adequabilidade às situações vivenciadas pelos jogadores, o que também foi mencionado pelos treinadores ao se referirem à tática, bem como mostra a indissociabilidade entre os dois conceitos quando considerado o contexto do jogo.

Tema 2: Tática como ações intencionais durante o jogo

O conceito de tática foi apresentado de maneira mais abrangente e complexa proporcionando dois temas (Temas 2 e 3 - Figura 1). Especificamente em relação ao Tema 2 (Tática como ações intencionais durante o jogo), dois subtemas subsidiaram sua concepção: 1. Adaptação da técnica à situação; e 2. Tomadas de decisão individuais e coletivas. Os treinadores conceituaram tática a partir de um processo racional e intencional, como apresentado nos discursos a seguir:

A tática é a maneira como ele pensa o uso desses fundamentos (SC3).

O tático é quando você vai realizar um ou outro gesto técnico, em quais situações “cabem” você utilizar o fundamento. (LC9).

Tática é a forma que ele usa a técnica, é a maneira que ele aplica a técnica (BC5).

Verificou-se que os participantes transportam a dimensão da adaptação técnica para a conceituação de tática. Identificou-se que os treinadores utilizam frequentemente a capacidade de adaptar o movimento esportivo de acordo com as restrições que a situação de jogo oferece. Entretanto, tática está diretamente relacionada ao desempenho esportivo (Grehaigine & Godbout, 1995) e percorre, portanto, os momentos de enfrentamento entre duas equipes. A tática refere-se a processos intencionais para alcançar os princípios operacionais por meio da adaptação de referências estratégicas pré-estipuladas (Galatti et al., 2017; Garganta & Oliveira, 1996; Grehaigine & Godbout, 1995; Grehaigine et al., 1999). Restringir o conceito de tática exclusivamente à adaptação técnica é equivocado e negligencia seu potencial coletivo e individual de tomada de decisão (Garganta, 1998), para além da execução de uma técnica específica.

Os treinadores salientaram a relação da tática com àquelas ações que percorrem os momentos de racionalização diante das dificuldades impostas pelo confronto entre as equipes. Ademais, reforçou-se o caráter intencional das ações coletivas e individuais pelos três grupos de treinadores como concepção de tática, tal como apresentado pelos discursos:

[Tática] são os movimentos individuais ou coletivos para que você consiga atingir o seu objetivo dentro daquela modalidade. Então, envolve um, dois, quatro, cinco ou os seis jogadores de linha do handebol (LC15).

Tática não é só tudo aquilo que depende da sua ação, mas sim da outra equipe ou do seu colega. Quando vou bater bola e atacar? Preciso da tática para ser mais eficaz, sendo tanto individual ou coletiva (SC6).

Desse modo os treinadores entrevistados confirmaram as características apontadas por Grehaigne e Godbout (1995), e afirmaram que a tática ocorre das ações individuais e nas ações com origem em construtos coletivos. Os treinadores do grupo escolar destacaram que tática se refere ao “que fazer” e “quando fazer”, e reforçaram a intencionalidade da tomada de decisão do jogador frente aos constrangimentos impostos pelo jogo. O objetivo dos comportamentos táticos é de encontrar soluções para os problemas ofertados pelas situações de competição, dessa forma pesquisas categorizam os meios táticos a partir de ações individuais, grupais e coletivas (Antón García, 1998). Desse modo, os três grupos de treinadores apresentaram alinhamento com o referencial teórico ao apresentar a tática como ações de adaptação coletiva e individual às adversidades do jogo em busca de um objetivo comum.

A tomada de decisão dos atletas revela-se importante na escolha das ações realizadas durante o jogo. Os meios técnico-táticos (Antón García, 1998; Menezes, 2011) são ações táticas individuais ou coletivas concretizadas por ações técnicas e se mostram fundamentais nas fases do jogo de handebol. Os meios técnico-táticos foi destacado como categoria dentro do subtema 2 pelos treinadores dos grupos SC e LC. Os treinadores do grupo BC não destacaram esse elemento quando definiram tática, que pode ser atribuído a dois fatores: a) escassez de literatura que apresente os meios técnico-táticos específicos do handebol de praia; b) dificuldade de transferência do conhecimento produzido a partir do handebol para o handebol de praia. A utilização dos meios técnico-táticos como uma das categorias do subtema 2 apresenta a tática como um processo que envolve a percepção, a tomada de decisão e a execução de meios técnico-táticos individuais e coletivos (Menezes, 2011) em busca de um objetivo comum.

A concepção de tática a partir dos conceitos defendidos (Garganta & Oliveira, 1996; Grehaigne & Godbout, 1995) propõe uma compreensão sistêmica do jogo devido à sua aleatoriedade, não-linearidade e imprevisibilidade (Menezes, 2012). Deste modo, a estratégia busca antever as ações táticas que, no que lhe diz respeito, adapta os direcionamentos de acordo com os eventos ocorridos ao longo do embate, e estas são concretizadas a partir de ações técnicas de realização das habilidades específicas esportivas (Galatti et al., 2017).

Tema 3: Tática e estratégia como sinônimos

O Tema 3 (tática e estratégia como sinônimos) apresenta a utilização equivocada da terminologia, assim os treinadores de todos os grupos participantes tratam estratégia como sinônimo de tática. Dois subtemas auxiliaram na produção do Tema 3, sendo: 1. Planificação do jogo como tática; e 2. “Jogadas” como ações táticas.

Ao conceituar tática, os treinadores destacaram significados diversos, principalmente os conteúdos relacionados à estratégia:

A parte tática é tudo o que eu faço de estratégia para isso. Um sistema defensivo, ou em qual momento vou utilizar o defensivo ou ofensivo, uma mudança de equipe... Coisas assim na parte tática. (BC4).

A tática é o sistema de jogo, são os sistemas que a gente trabalha, as trocas de posições, de postos, cruzamentos (LC2).

O emprego do termo “estratégia” com a finalidade de conceituar tática revela um erro conceitual dos treinadores e atribui uma polissemia equivocada ao termo “tática”. Esta diversificação conceitual empregada à tática corrobora a revisão realizada e os achados de Garganta e Oliveira (1996) e Grehaigne et al. (1999). A diferenciação entre esses conceitos é importante para o planejamento do processo de ensino-aprendizagem dos esportes coletivos e deve evitar possíveis equívocos metodológicos (Garganta, 1998; Garganta & Oliveira, 1996). Em conformidade, o termo “tática” estabelece uma relação intrínseca com algumas abordagens de ensino (situacional e global-funcional), dessa forma a confusão na concepção do seu significado pode refletir em uma compreensão equivocada dessas abordagens.

Portanto, quando os treinadores confundem os significados de termos como “estratégia” e “tática”, o equívoco encontra-se na compreensão de tática como ação que contempla os momentos que antevem a partida. Pelo contrário, é necessário compreender tática como ação racional que ocorre no decorrer da situação de jogo a partir da relação com

diferentes referências (bola, companheiros, adversários, tempo de jogo, local da quadra, entre outros). Embora entenda-se que seja necessário distinguir os conceitos de estratégia, tática e técnica, estes se mostram indissociáveis na realização do jogo (Galatti et al., 2017; Garganta, 2000; Garganta & Oliveira, 1996; Grehaigne et al., 1999).

Também foi identificada a utilização de termos que caminham em sentidos opostos em suas concepções para conceituar tática. Percebe-se que dois grupos de treinadores (treinadores de handebol escolar e das ligas) entrevistados atribuem às jogadas ensaiadas o caráter da tática, como no discurso do LC6: “Tática de jogo, vamos dizer jogadas. Jogadas com o armador, jogadas com o pivô, algo mais coletivo do que individual (LC6).” Tradicionalmente, “jogadas” referem-se àquelas movimentações pré-combinadas pelo treinador com fim nelas mesmas, e se assemelham à definição de jogo pré-fabricado (Antón García, 1998; Molina, 2006). Esse tema afasta-se da temática que refere às tomadas de decisão dos jogadores, pois as referidas “jogadas” possuem início, meio e fim pré-determinados, o que as distanciam do conceito atribuído à tática pelo seu processo ser pré-fabricado, o que tolhe do jogador o poder da tomada de decisão diante dos constrangimentos situacionais (Antón García, 1998; Molina, 2006), embora a escolha dessas para a utilização em um jogo se aproxima da ideia de estratégia.

Esse discurso descaracteriza a tática que, até então, apresentou-se como ações intencionais e pautadas nas relações de cooperação e oposição, nas quais “o que fazer?”, “quando fazer” e “porque fazer” estabelecem relações diretas com as possibilidades para solucionar problemas que se concretizam com a aplicação da técnica no contexto do jogo (Grehaigne et al., 1999). Acredita-se que parte dos equívocos de ordem conceitual encontrados podem ter origem na formação dos treinadores entrevistados, uma vez que a graduação em educação física contém currículos heterogêneos e que, muitas vezes, reforçam o caráter tecnicista do ensino do handebol (Reis & Castellani, 2013).

Os achados desta pesquisa que envolvem a utilização de “jogadas” permitiram estabelecer provocações sobre como os meios técnico-táticos podem ser tratados por estes treinadores. O ensino de meios técnico-táticos (como flutuações, bloqueios e penetrações sucessivas, por exemplo) (Menezes, 2011) pode estar ligado às execuções estereotipadas desses durante os treinamentos, e não necessariamente desenvolverem-se de acordo com a situação do jogo e com o entendimento do jogador. Embora não tenha sido a pergunta central deste estudo (mas pode se constituir como provocações para investigações futuras), parte-se do princípio que o treinador, a partir dos achados, define a ação e o momento no qual essa deve ser executada, ao invés de fomentar o desenvolvimento de jogadores autônomos e críticos.

Ao conceituarem tática a partir dos sistemas defensivos e ofensivos, os treinadores dos três grupos revelaram uma confusão conceitual que contribuiu para a polissemia do termo. Esta problemática manifesta-se como preocupação para que as instituições responsáveis pela formação de treinadores possam balizar algumas de suas ações. Assim, entende-se as abordagens de ensino que compreendem a aprendizagem técnica a partir de problemas táticos identificados nas situações problema (Bunker & Thorpe, 1986; Garganta, 1998) e posiciona os conceitos dos termos “técnica” e “tática” como conteúdos relevantes e indissociáveis para o processo de formação dos treinadores.

O ensino dos esportes coletivos por meio de abordagens que priorizam o aprendizado dos seus elementos com base em situações problema inerentes ao jogo revela a necessidade dos treinadores em compreender o significado de tática (Garganta, 2000; Garganta & Oliveira, 1996; Grehaigne & Godbout, 1995; Grehaigne et al., 1999). Assim sendo, a confusão conceitual ora apresentada pelos treinadores pode resultar na ênfase de ações pré-estabelecidas (estratégia) em detrimento da dinâmica da tomada de decisão diante do confronto que é pertinente à tática. Esse apontamento corrobora a discussão levantada sobre as “jogadas” e o jogo pré-fabricado (Feu, 2006) e permite compreender como as escolhas metodológicas podem acontecer.

Conclusão

Este estudo identificou os conceitos empregados pelos treinadores de handebol e handebol de praia para definir os termos “técnica” e “tática”. Embora o maior apelo aos elementos técnicos identificados no handebol de praia, não houve diferença entre os diferentes grupos de treinadores sobre a definição do termo “técnica”. Percebeu-se que o grupo de treinadores escolares foi o único que reforçou o caráter da eficácia técnica no Tema 1, enquanto os grupos treinadores de handebol de praia e de treinadores de ligas de handebol só atribuíram significados referentes à dimensão da eficiência técnica. Embora o esforço no campo teórico para compreender a técnica a partir da sua relação com os graus de liberdade e as restrições que o jogo impõe, identificou-se que os treinadores ainda limitam o termo “técnica” a automatização de movimentos. A pesquisa contribui no sentido de expor que a compreensão equivocada do conceito de técnica, como apresentado, pode interferir nas escolhas metodológicas dos professores/treinadores.

Ao conceituar o termo “tática”, percebe-se que todos os grupos participantes transportam a dimensão da adaptação da técnica atribuindo uma polissemia equivocada ao seu significado e que pode limitar a compreensão do termo. Ainda

que os três grupos de treinadores corroborem os conceitos de tática defendidos ao longo do estudo, eles cometem um equívoco conceitual ao atribuir os sistemas defensivos e ofensivos e as “jogadas” como definição do termo “tática”. Esse equívoco pode trazer implicações ao processo de ensino-aprendizagem, conforme discutido ao longo do texto. Dessa forma, a pesquisa buscou contribuir para o debate e reflexão sobre as concepções dos treinadores acerca dos termos tratados e suas implicações para o processo de treino do handebol e do handebol de praia.

Referências

- Antón García, J. L. (1998). *Balónmano - Táctica grupal ofensiva: concepto, estructura y metodología*. Granada: Gymnos Editorial.
- Aquino, R., Puggina, E., Alves, I., & Garganta, J. (2017). Skill-Related Performance in Soccer: A Systematic Review. *Human Movement*, 18. doi:10.1515/humo-2017-0042
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. doi:10.1191/1478088706qp063oa
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11, 1-9. doi:10.1080/2159676X.2019.1628806
- Braun, V., Clarke, V., & Rance, N. (2014). How to use thematic analysis with interview data. In A. Vossler & N. Moller (Eds.), *The Counselling & Psychotherapy Research Handbook* (1 ed., pp. 183-197): Sage.
- Bunker, D., & Thorpe, R. (1986). The curriculum model. In D. B. Rod Thorpe, Len Almond (Ed.), *Rethinking games teaching* (pp. 7-10).
- Feu, S. (2006). Organización didáctica del proceso de enseñanza: aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano. *E-balónmano Com: Revista de Ciencias del Deporte*, 2(4), 53-66.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3 ed.). Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Galatti, L. R., Beteiga, O., Paes, R. R., Reverdito, R. S., Seoane, A., & Scaglia, A. J. (2017). O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a Prática*, 20, 639. doi:doi.org/10.5216/rpp.v20i3.39593
- Garganta, J. (1998). O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. *Movimento*, 4(8), 19-27. doi:10.22456/1982-8918.2373
- Garganta, J. (2000). O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (pp. 51-62): Porto: FCDEF-UP e CEJD.
- Garganta, J., & Oliveira, J. (1996). Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos. In J. O. a. F. Tavares (Ed.), *Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos*. (pp. 7-23): Porto: FCDEF-UP.
- Greco, P. J. (1997). Proposta de um modelo para sistematização do processo de ensino-aprendizagem-treinamento tático nos jogos esportivos coletivos. *Kinesis*(17), 87-104. doi:10.5902/231654648191
- Greco, P. J. (2001). Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In *Temas atuais VI em educação física e esportes* (pp. 48-72).
- Grehaigne, J. F., & Godbout, P. (1995). Tactical Knowledge in Team Sports From a Constructivist and Cognitivist Perspective. *Quest*, 47, 490-505. doi:10.1080/00336297.1995.10484171
- Grehaigne, J. F., Godbout, P., & Bouthier, D. (1999). The Foundations of Tactics and Strategy in Team Sports. *Journal of Teaching in Physical Education*, 18, 159-174. doi:10.1123/jtpe.18.2.159
- Leonardo, L., & Scaglia, A. J. (2018). Study on youth handball regulations: a documental analysis on the mandatory use of individual defensive system in under-12 and under-14 competitions. *Journal of Physical Education*, 29(1), 1-11. doi:10.4025/jphyseduc.v29i1.2952
- Menezes, R. P. (2011). *Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real*. (Doctoral Thesis). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brazil. Retrieved from <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275088?mode=full>
- Menezes, R. P. (2012). Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. *Motriz: rev. educ. fis.*, 18(1), 34-41.
- Menezes, R. P., Marques, R. F. R., & Morato, M. P. (2016). Percepção de treinadores de andebol sobre as variáveis defensivas e ofensivas do jogo na categoria sub12. *Motricidade*, 12(3), 06-19.
- Menezes, R. P., Marques, R. F. R., & Nunomura, M. (2014). Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. *Movimento*, 20(1), 351-373.
- Menezes, R. P., Marques, R. F. R., & Nunomura, M. (2015). O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. *Movimento*, 21(2), 463-477. doi:10.22456/1982-8918.47664
- Mesquita, I. (2000). Modelação do treino das habilidades técnicas nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (pp. 73-90): Porto: FCDEF-UP e CEJD.
- Mesquita, I., Marques, A., & Maia, J. (2001). A relação entre a eficiência e a eficácia no domínio das habilidades técnicas em Voleibol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(3), 33-39.
- Purdy, L. (2014). Interviews. In L. G. Nelson, R. & P. Potrac (Eds.), *Research methods in sports coaching* (pp. 161-170). London: Routledge.
- Reis, H. H. B., & Castellani, R. M. (2013). O perfil das disciplinas de handebol das instituições de ensino superior. *Kinesis; Kinesis*, v. 31, n. 1, jan./jun. 2013. doi: 10.5902/2316546410053.
- Silva, K. P., & Menezes, R. P. (2018). O jogo ofensivo do handebol de areia: estrutura e aspectos técnico-táticos do ataque posicionado. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 18(3), 209-221.